



REVISTA NÓS

CULTURA, ESTÉTICA E LINGUAGENS

VOL. 10, Nº 2, 2º SEMESTRE DE 2024

ISSN 2448-1793

ARQUITETURA SAGRADA E AULA-PASSEIO: POTENCIALIDADES DE ENSINO E PESQUISA A PARTIR DA CATEDRAL DE BRASÍLIA

SACRED ARCHITECTURE AND CLASSROOM TOURS: TEACHING AND RESEARCH POTENTIAL BASED ON BRASILIA CATHEDRAL

DOI: <https://10.5281/zenodo.14984654>
Envio: 10.10.2024 - Aceite: 04.12.2024

Heloísa Selma Fernandes Capel



Professora dos Programas de Pós-Graduação em Ensino de História/ProfHistória e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Goiás. Coordena o GEHIM – Grupo de Estudos de História e Imagem.

Daniel Maximo da Costa



Mestrando em Ensino de História no Programa de Pós-Graduação em Ensino de História/Profhistória e professor da educação básica. Membro do GEHIM – Grupo de Estudos de História e Imagem.

RESUMO

O artigo propõe explorar como as aulas-passeio podem ser articuladas às interações entre sacralidade, percepção e arquitetura no ensino de História, utilizando a Catedral de Brasília como um espaço pedagógico. O objetivo principal é analisar como, por meio da experiência sensorial proporcionada pelo referido monumento, os alunos podem perceber e refletir sobre a relação entre a arquitetura religiosa, a história e o poder na formação de Brasília. Utilizando-se de elementos referenciais da composição de uma catedral, a proposta busca pensar a função da construção de uma materialidade sagrada dentro da afirmação de um projeto de identidade nacional brasileira, destacando não apenas os aspectos sensoriais, mas também os significados socioculturais associados à catedral.

PALAVRAS-CHAVE: Arquitetura Sagrada, Oscar Niemeyer, Ensino de História

ABSTRACT

This article sets out to explore how walking tours can be linked to interactions between sacredness, perception and architecture in history teaching, using Brasília Cathedral as a pedagogical space. The main objective is to analyze how, through the sensory experience provided by the cathedral, students can perceive and reflect on the relationship between religious architecture, history and power in the formation of Brasília. Using reference elements from the composition of a cathedral, the proposal seeks to think about the function of the construction of a sacred materiality within the affirmation of a Brazilian national identity project, highlighting not only the sensory aspects, but also the socio-cultural meanings associated with the cathedral.

KEYWORDS: Sacred architecture, Oscar Niemeyer, History Teaching

ARQUITETURA SAGRADA E OSCAR NIEMEYER

A religião, enquanto dimensão de estudo condicionada histórica e culturalmente, reflete as crenças, valores e princípios de determinado segmento social e parece ser fator de análise presente em todas as sociedades ao longo da história (Silva; Silva, 2005, p. 354). Atrelada à religiosidade, está a necessidade humana de estruturar, na forma de um sistema de simbolismos e representações, quase sempre gerados de maneira inconsciente, mas dialogados em nível coletivo às noções abstratas que o sagrado repercute dentro dos valores, mentalidades e existência dos seres humanos, o que torna possível explicar o motivo das religiões serem igualmente configuradas como uma linguagem (Oliveira, 2010, p. 15). A fim de compreender de maneira hermenêutica o fenômeno da religião, Mircea Eliade (1992), historiador das religiões, criou duas categorias de análise para refletir a maneira como os homens interpretam o mundo em combinação à sua religiosidade: para o autor, a experiência religiosa é fundamentada em torno de dois conceitos principais, o sagrado e o profano. Enquanto o sagrado diz respeito à manifestação sagrada em si, sendo a dimensão de significados e significantes atribuídas ao homem, referindo-se ao sistema de valores e princípios tanto quanto de suas representações e simbolismos, o profano é sua antítese, aludindo ao mundo comum, que escapa à dimensão do sagrado. Essas duas categorias, dentro da hermenêutica proposta por Eliade, interagem de maneira invariável e dialógica, sendo o sagrado a dimensão que se distingue do profano justamente por transcendê-lo; aquele é heterogêneo, e este, homogêneo. Ademais, o sagrado, ao ser manifestar no profano e explicitar a relação entre as duas esferas, caracteriza a experiência religiosa:

O leitor não tardará a dar-se conta de que o sagrado e o profano constituem duas modalidades de ser no Mundo, duas situações existenciais assumidas pelo homem ao longo da sua história. Esses modos de ser no Mundo não interessam unicamente à história das religiões ou à sociologia, não constituem apenas o objeto de estudos históricos, sociológicos, etnológicos. Em última instância, os modos de ser sagrado e profano dependem das diferentes posições que o homem conquistou no Cosmos e, conseqüentemente, interessam não só ao filósofo, mas

também a todo investigador desejoso de conhecer as dimensões possíveis da existência humana (Eliade, 1992, p. 14).

É possível, dessa forma, compreender a importância e sentidos que os espaços sagrados possuem dentro da religiosidade. Lugares de manifestação do sagrado, reservados a momentos de culto, abundantes em valor social e cultural aos religiosos e campo de materialização do divino, a presença de espaços dedicados à dimensão religiosa é uma qualidade distintiva comum a quase todas as religiões da história da humanidade (Oliveira, 2010, p. 20). Para além da representação arquitetônica, o espaço dedicado ao divino é o local onde o sagrado (âmbito repleto de significados) transcende o profano (mundo comum, de não-significados), e, portanto, independe de sua forma material. Por estarem condicionados à uma manifestação cultural específica, reconhecer a singularidade de cada espaço pressupõe a importância de se utilizar categorias adequadas para se analisar cada um, tornando-se inapropriado enxergar todos os espaços sagrados como se fossem uma única coisa, ao invés de âmbitos repletos de subjetividades (Ferreira, 2016, p. 3).

Exemplo dessa interação entre sagrado e profano são as catedrais. Conforme a definição presente no site da Conferência Nacional de Bispos do Brasil, é o templo católico mais proeminente dentro de uma diocese, as quais carregam, no cerne de sua edificação, elementos estéticos e estruturais que remetem ao simbolismo das origens do cristianismo: “As Catedrais trazem elementos do ‘berço do cristianismo’, ou seja, do início da fé cristã. Sejam eles, elementos arquitetônicos ou de engenharia, lembram algumas coisas que remetem ao início do cristianismo e dão significados a nossa fé” (Tempesta, 2023, p. 1). Além disso, as catedrais costumam ficar em posições centrais nas paisagens urbanas e possuem dependências singulares em templos cristãos, como as criptas, locais subterrâneos de sepultamento de bispos, as figuras hierarquicamente mais importantes da catedral. É possível afirmar, portanto, que no caso das igrejas dedicadas ao cristianismo, e, em especial, as catedrais, a intencionalidade da obra, formas e significados espelham, em sua maioria, um profundo simbolismo do cânone cristão. As representações teológicas estão presentes na feitura dessas obras arquitetônicas desde à Idade Média, quando o estilo gótico se dedicava tanto à imersão dos fiéis dentro da narrativa bíblica quanto à

natureza educativa que os vitrais possuíam ao narrar as histórias contidas nas jornadas bíblicas (Oliveira, 2010, p. 26).

O entendimento de espaço sagrado e o de arquitetura sagrada e histórica implicam na necessidade de enxergar uma obra arquitetônica sem prender-se à centralidade de sua materialização por si só: as construções e os elementos estéticos e de referência devem ser analisados considerando-se que não se tratam de signos estáticos no tempo, frutos unicamente da intenção do arquiteto ou idealizador, mas partes de uma dinâmica histórica que transforma e é transformada conforme recebem a atribuição de significados e sentidos dentro das práticas sociais que acontecem em seu domínio (Oliveira, 2019).

O estudo de espaços sagrados estão, por isso, atrelados às sociedades que se desenrolam ao seu redor e em seu interior. Sendo assim, pode-se encontrar muitas ferramentas de análise dentro das contribuições teóricas de Lindsay Jones (Souza; Almeida, 2020), que se destacou por dedicar-se a estabelecer diretrizes de uma possível hermenêutica da arquitetura religiosa. Segundo Jones, a interpretação profunda e crítica de uma obra arquitetônica torna imprescindível considerar a relação do espaço com os eventos desencadeados em seu interior ao longo do tempo (Souza; Almeida, 2020). Dessa forma, torna-se possível escapar de equívocos de pesquisa que buscam focar na busca pelo significado do que a obra “quer dizer”, como se esse sentido existisse cristalizado e preservado desde sua criação, independentemente da ação do tempo histórico:

(...) muitos pesquisadores continuam tentando decifrar o significado das edificações como se estes fossem exatos, inatos e imutáveis, ignorando as transformações trazidas pela experiência humana. Por isso, o historiador afirma que não devemos conceber a compreensão da arte como um ato de decifrar definitivamente os mistérios ou códigos escondidos nas obras; mas como um movimento na história, um processo ou sequência de eventos nos quais nem o intérprete nem a obra de arte podem ser pensados como parte autônoma (Souza, 2022, p. 39).

Ao reconhecer o caráter mutável e histórico dos significados da edificação e deslocar o foco da materialização em si para as experiências subjetivas dos indivíduos que interagem

com a obra, Jones (apud Souza, 2022) estabelece que os sentidos pertinentes a uma conclusão hermenêutica de determinado espaço religioso reside no que ele conceitua como *ritual architectural events* ou “eventos arquitetônicos”: a situação surgida do encontro da pessoa com o edifício é o que produzirá o significado possível de se apreender (Souza; Almeida, 2020, p. 151). Diante do misticismo e do caráter atrativo que a arquitetura sagrada possui, Jones reforça a potencialidade desses espaços de convidar os indivíduos a uma interação hermenêutica, iniciada do encantamento e da autoidentificação que a obra consegue gerar em quem a vê. Portanto, da perspectiva da hermenêutica, nenhuma interpretação será igual, visto que a produção de significados depende quase inteiramente da subjetividade de quem experiencia o evento arquitetônico, mediado de maneira profunda por aspectos como tradição, memória e história coletiva e pessoal (Souza; Almeida, 2020, p. 153). Estes princípios teóricos são adequados à reflexão proposta neste texto. Diante disso e a partir das ideias supracitadas, como pensar a Catedral de Brasília como espaço sagrado que permita uma interação hermenêutica em uma produção de sentidos em situações educativas?

No Brasil, durante as décadas de 50 e 60, a busca por um novo exemplo de cidade e de arquitetura está entrelaçado à formação de uma identidade nacional que estivesse em consonância com o pensamento brasileiro do período. O planejamento, idealização e fundação de Brasília tornaram possível a integração econômica entre as cinco regiões ao transferir a capital do litoral para o Centro-Oeste do território – conforme era imaginado desde o século XIX, em ocasião da Constituição de 1891 da República recém proclamada, e das conclusões da Missão Cruls, que encontraram no Planalto Central, denominado “Quadrilátero Cruls”, as condições perfeitas para um novo centro político (Cerbillos, 2005). Envolvida pelo movimento modernista, sua construção pressupunha ser o símbolo de um novo Brasil com identidade ressignificada, identidade esta que se ergueria contrária ao legado do passado colonial, voltada para o futuro e progresso, de profundo caráter nacionalista e capaz de refletir a linguagem arquitetônica e urbanística do modernismo (Alves, 2005). Além de inovadora e vanguardista, Brasília também ostenta o atributo de monumental por conta da visualidade atraente das formas de sua arquitetura moderna,

que provocam impacto inegável a quem a experiencia pelos sentidos humanos. No entanto, embora a concepção urbanística inclua a ideia e intenção de se criar uma cidade ideal para espelhar a modernidade dos tempos, o que se observa é que a Brasília do futuro vazou às bordas do plano e cresceu para se tornar um organismo vivo e contraditório, com identidades culturais outras que não correspondem mais ao planejamento inicial. Dessa forma, a cidade monumental e modernista adquire, também, uma dimensão em sua idealização que não é mais do que utópica:

(...) a identidade de uma cidade é caracterizada também pela desordem, pela diversidade e diferença, ou, em outras palavras, pelas pessoas. Não os cidadãos ideais e imaginados pelos teóricos do planejamento urbano, e sim pessoas reais que nunca aparecem nos desenhos arquitetônicos. Na verdade, a auto-identidade de Brasília é tão problemática quanto a necessidade que foi criada para elegê-la como representante da nossa identidade nacional. Não podemos cometer o erro de reduzir a cidade à arquitetura e ao urbanismo do poder, à sua dimensão simbólica (utópica), ou a uma monumentalidade superficial e distante, concentrada apenas no Plano Piloto. O que queremos dizer é que a utopia da cidade de Brasília nos faz refletir sobre as diversas formas de cultura e de arte de seus moradores, vindos de diversas partes do país e que se acumulam em torno do Plano Piloto, nas dezenas de cidades satélites (Moreira, 2005, p. 129).

A relação mais importante no escopo deste trabalho, porém, parte da monumentalidade da Catedral de Brasília e do modernismo. Os monumentos podem ser definidos como obras de visualidade marcante que ocupam espaços centrais na paisagem de uma cidade e que, conforme aponta Le Goff (1994), possuem o intuito fazer lembrar o passado e atuar com proeminência na construção de uma memória social. Assim, é impossível conceber a monumentalidade como simples concretização de um conceito estético: os monumentos guardam em si intencionalidade política, capazes de regular a construção de significados, transmitir valores, discursos e crenças, perpetuar tradições e confirmar posições de poder (Correa, 2005). Em razão disso e da potencialidade simbólica e de riqueza de significados que os monumentos possuem, uma das críticas ao documento que se deve fazer ao pensar a historicidade da Catedral de Brasília é, invariavelmente, questionar a importância monumental de uma catedral, de tradição católico-cristã, no

plano urbanístico de uma cidade que foi imaginada e concretizada como filha de um movimento artístico que se propunha dessacralizado, buscando elaborar a ideia de poder político e religioso a partir da posição do monumento, diante da realidade concreta que existe em uma Brasília cheia de contradições e diversidade cultural.

Considerando que a arquitetura supera a ideia de ser uma expressão meramente estética e funcional do espaço, é possível considerá-la também um receptáculo cultural que contém em si a comunicação de significados e a capacidade de dialogar com as sensações e emoções. Para Juhani Pallasmaa (2011), a arquitetura é uma mediação entre o mundo e os sujeitos, por isso articula representações culturais, memória e identidade, criando, nessa mediação, acesso a questões existenciais basilares das sociedades.

Qualquer experiência implica atos de recordação, memória e comparação. Uma memória incorporada tem um papel fundamental como base da lembrança de um espaço ou um lugar. Transferimos todas as cidades e vilas que já visitamos, todos os lugares que reconhecemos, para a memória encarnada de nossos corpos. Nosso domicílio se torna integrado à nossa autoidentidade; ele se torna parte de nosso corpo e ser. Em experiências memoráveis de arquitetura, espaço, matéria e tempo se fundem em uma dimensão única, na substância básica da vida, que penetra em nossas consciências. Identificamo-nos com esse espaço, esse lugar, esse momento, e essas dimensões se tornam ingredientes de nossa própria existência (Pallasmaa, 2011, p. 68).

Essa mediação, segundo Pallasmaa (2011), acontece através dos sentidos: é o corpo humano, no espaço, que o absorve e sente, em uma operação que mobiliza a intelectualidade, a cognição, a interpretação subjetiva e as sensações corpóreas desencadeadas pelo lugar. É essa experiência multissensorial que cria significados na interação entre sujeito e o lugar, pois “as características de espaço, matéria e escala são medidas igualmente por nossos olhos, ouvidos, nariz, pele, língua, esqueleto e músculos.” (Pallasmaa, 2011, p. 39).

Enquanto carregada de significados, em sua posição central na paisagem urbanística da cidade, e considerando as especificidades estéticas – a estrutura hiperboloide e suas colunas de concreto, os vitrais, os elementos decorativos que evocam religiosidade, o

contraste de sombras e iluminação natural, o uso do espaço, dentre outros –, é possível inserir a percepção sobre a Catedral de Brasília em experiência que evoca múltiplas sensações e emoções a uma compreensão mais profunda do lugar: não apenas em termos de seu significado histórico, mas também como um espaço de poder simbólico e político, que, embora religioso, representa um fragmento da visão política de Juscelino Kubitschek tanto quanto reflete as diretrizes do movimento modernista.

O contato de discentes com essa estrutura, evocaria neles, portanto, uma relação hermenêutica que poderia gerar conhecimento, promover reflexões, (re)construir significados. A exemplo: uma contemplação da cruz histórica da catedral, além de remeter ao símbolo milenar do cristianismo, poderia ser utilizado como ponte para debater a relação estado-política-religião. Um exame histórico da inauguração da Catedral poderia estimular análises de imagens e, por meio delas, discussões sobre mitos de fundação. A cruz histórica seria um estímulo para se falar da Primeira Missa e de todas as categorias sociais envolvidas em suas representações. Seria possível ampliar a análise por meio da comparação de imagens.

Figura 1 – Cruz Histórica da Catedral de Brasília.



Fonte: Disponível em: <https://catedral.org.br/guia/a-cruz-historica>.

No já referido site, no qual a cruz histórica é apresentada, há também uma explicação dos motivos para sua escolha: razões políticas que a associavam à construção identitária de um local, similar ao que ocorreu na Primeira Missa.

Cruz histórica, assim chamada porque foi plantada no solo da capital por ocasião da Primeira Missa oficialmente programada para a inauguração da nova Capital, no dia 3 de maio de 1957. Presidida por D. Carlos Carmelo de Vasconcelos Motta, Cardeal Arcebispo de São Paulo, a Missa foi celebrada junto a essa Cruz, colocada a mil cento e setenta e três metros de altitude, no lugar hoje situado entre o Memorial JK e a Catedral Militar. A data foi especialmente escolhida por ser, de acordo com o calendário litúrgico da época, dia da festa da Santa Cruz. O presidente Juscelino Kubistchek – fundador da cidade – em discurso na ocasião, afirmou: *“Plantamos, com o sacrifício da Santa Missa, uma semente espiritual neste sítio que é o coração da Pátria”*. Acrescentando: *“Hoje é o dia da Santa Cruz, dia em que a Capital recém-nascida recebe o seu batismo cristão.* (Silva, 1971, p. 147, grifos do autor).

A cruz histórica e todas as sensações que ela evoca poderia, ainda, ser associada a duas outras ocasiões históricas, que remetem à Primeira Missa realizada no Brasil e à Primeira Missa da Capital Federal. Seria possível desdobrar essas reflexões por meio de, pelo menos, duas outras imagens.

Figura 2 – Primeira Missa DF, 1957



Figura 3 – Primeira Missa. Victor Meirelles, 1861.



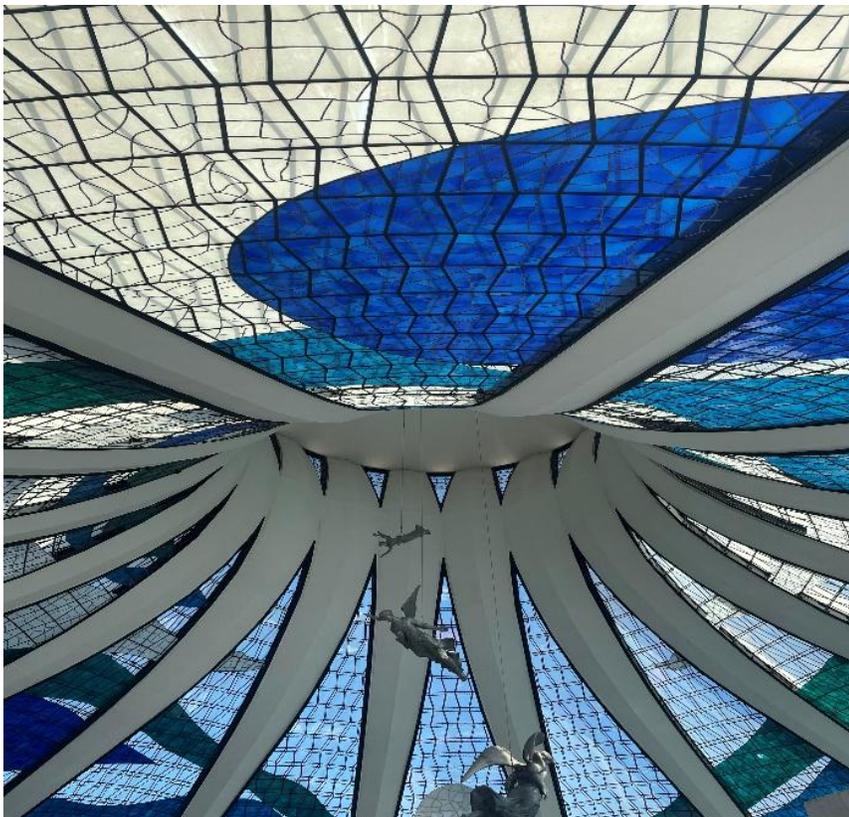
Por qual razão seria preciso criar uma materialidade sagrada para fundar o local? Quem são as pessoas representadas nos quadros? Qual o papel de cada um na composição identitária de um Brasil que se funda e refunda identitariamente? Todas as categorias sociais estão presentes nas obras? Como estão apresentadas? São perguntas que, em um contexto educativo, podem ajudar a pensar.

Um outro exemplo pertinente para se perceber a relação entre a Catedral e os processos históricos dos quais ela resulta está na análise dos vitrais que a compõem. Mais do que elementos culturais, relacionados a construções religiosas, a arte vitralista exerce inevitável importância na apreciação e contemplação dos espaços onde se encontra. Sua concepção como artifício primordial e recorrente em catedrais medievais, gótico-românicas, contém em si a interação direta entre o ambiente interno e externo através da combinação vidro-luz presente no espaço. Além disso, como responsável por formar uma imagem mental de algo dentro da religiosidade medieval, os vitrais eram representações

atreladas à identidade sociocultural do homem da Idade Média. Pela carga simbólica de seu conteúdo, é, portanto, um inquestionável marcador de espiritualidade, conforme comenta Vargas (2017) ao falar sobre a relação dos vitrais da Catedral de Barcelona, datada do século XIV, à iconografia medieval:

Caracterizados pela luz e pelo colorido trazidos ao interior monocromático dos templos góticos, os vitrais aproximavam os fiéis a Deus, uma vez que a luz que os atravessava e chegava ao interior das catedrais era percebida como a própria luz divina que tocava o homem, em oposição à luz natural presente no exterior das igrejas (Vargas, 2017, p. 288).

Figura 4 – Vitrais de Marianne Peretti na Catedral de Brasília.



Fonte: Acervo pessoal dos autores.

A valorização da luz foi uma das características marcantes da arquitetura modernista, e a utilização dos vitrais, em sua infinidade de possibilidade de cores e formas, foi a maneira utilizada por Niemeyer para canalizar a iluminação de fora para o interior. Nesse contexto, é possível relacionar os vitrais de Marianne Peretti na Catedral de Brasília à função que a arte vitralista possui dentro da construção da ideia de sacralidade presente na obra de Oscar Niemeyer. Mais do que apenas jogar com a iluminação, criando reflexões sobre a dicotomia luz-escuridão e sua afinidade com a sensação celestial da religiosidade, a presença dos vitrais revela a intencionalidade de Niemeyer de dialogar com permanências alegóricas da História da religião cristã ocidental, nesses elementos arquiteturais que conversam com as tendências gótico-medievais e barrocas de construção de sacralidade.

Portanto, nesta perspectiva, o contato com a catedral e todos os elementos simbólicos dispostos em seu espaço sagrado são fundamentais para promover sensibilidades instrucionais, são pontos de ancoragem estético-sensoriais que permitem a interpelação educativa. Para isso, metodologicamente, é possível pensar uma aula-passeio.

AULA-PASSEIO COMO METODOLOGIA DE ENSINO-PESQUISA

Todos esses aspectos percorridos, da sacralidade ao poder político, são eixos proveitosos para promover diálogos dentro da educação básica. Compreender a monumentalidade de uma Catedral parte de uma religiosidade dominante, torna possível constatar os desníveis sociais e culturais que existem na cidade, bem como de apreender processos históricos pertinentes à construção de Brasília. Para tanto, seria oportuno que as práticas pedagógicas partissem da realização de uma aula-passeio, contribuição teórica do pedagogo Célestin Freinet (2019).

Diante da angústia de manter o ensino em salas de aulas precárias, o teórico observou a predisposição das crianças da turma a se deixarem levar pelos elementos exteriores às salas de aulas, seja pela janela ou pela porta aberta. Dessa forma, Freinet concebeu sua concepção de aula-passeio como “movimento de vivências” (Barros; Vieira, 2019, p. 82) dentro do processo de ensino-aprendizagem dos alunos. Ao prezar pela liberdade das experiências na formação escolar, o pedagogo reconheceu a capacidade das

aulas-passeio de auxiliarem na criação de uma dinâmica pedagógica em que a rotina escolar, em seus pressupostos e conteúdos, dialogue com as vivências dos estudantes, estimulando sua formação integral, construção de identidade e de memória para expandir seu horizonte cultural. Uma das repercussões destacadas por Freinet (2019), e que dialoga diretamente com a proposta deste projeto, é a noção de que uma aprendizagem fundamentada em experimentações, como ocorre nos casos das aulas-passeio, exige que os envolvidos vivenciem os novos espaços em que são colocados de maneira sensível e corporal: o “eu”, uma vez no lugar, dialoga com ele através das sensações. Nesse contexto, o aprendizado transcende a primazia do intelecto, ancorado no conteúdo, para se aprofundar de maneira significativa integrando ao processo a percepção sensorial e emocional com o ambiente ao redor.

Sob a perspectiva do desenvolvimento de letramento histórico, é possível também reconhecer a aula-passeio como potencializadora dentro da educação básica. O letramento histórico diz respeito à construção de condições no aluno que o permita interpretar e apreender o passado, vinculando tal prática à sua capacidade de escrita (Oliveira, 2022, p. 34). Desenvolver a habilidade de ler e escrever junto ao estímulo de pensar a história supõe o reconhecimento de narrativas plurais e condições culturais de transformação das sociedades: as aulas-passeio surgem, portanto, com a finalidade de ampliar o repertório de experiências culturais e históricas do estudante, em um processo mediado pela escola e pelo professor que envolvem diversas dimensões do fazer historiográfico.

Sendo assim, é possível conceber o forte aspecto mobilizador que a aula-passeio possui de articular diversas categorias conceituais do estudo da História, como tempo, memória, narrativa e identidade, em uma prática extraclasse que faz mudar o espaço onde o ensino acontece, aprofundando a construção de conhecimento histórico dos estudantes, a partir do momento que inclui em posição de destaque o território e o lugar como espaços dotados de subjetividades. Mais do que isso: é capaz potencializar a experiência histórica a partir do ser e estar no mundo, arquitetando a aprendizagem como uma complexa rede de interações que relacionam as mais diversas dimensões do ser humano e do conhecimento.

A aula-passeio é, por essência, um canal entre o sujeito e a sociedade, está representada no lugar, que contém, em si, portos referenciais de construção de identidade, cultura e pertencimento territorial. Para Edgar Morin, essa complexidade é constitutiva de um processo de aprendizagem que perpassa as realidades históricas e sociais de um lugar:

Complexus [do latim] significa o que foi tecido junto; de fato, há complexidade quando elementos diferentes são inseparáveis, constitutivos do todo (como o econômico, o político, o sociológico, o psicológico, o afetivo, o mitológico) e há um tecido interdependente, interativo e interretroativo entre o objeto de conhecimento e seu contexto, as partes e o todo, o todo e as partes, as partes entre si. Por isso a complexidade é a união entre a unidade e a multiplicidade (Morin, 2011, p. 36).

Oportunizar que discentes da educação básica vivenciem o espaço sagrado, por meio de uma aula-passeio é contribuir para um processo de aprendizagem mais complexo e interativo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Haja vista que, em situações de ensino, as percepções sensoriais nos remetem a construções de significados que relacionam arquitetura sagrada, política e poder na história de Brasília, este é um âmbito, portanto, passível de ser explorado. A investigação das dimensões históricas, arquitetônicas e culturais da Catedral Metropolitana de Brasília, explorando sua relação com o campo do sagrado dentro da capital e sua posição simbólica de poder político na composição urbanística de Brasília, pode relacionar-se ao processo de ensino-aprendizagem a partir da sensorialidade dos alunos e de como essa vivência os conecta às dimensões sagrada e política da construção da capital.

Uma vez que compõe um universo multifacetado de significados, a Catedral pode servir como fonte importante para a compreensão de discursos sociais, históricos e religiosos. Desse modo, é possível que, em situações de ensino, a visualidade e percepção do espaço arquitetônico da Catedral possibilitem reflexões sobre a monumentalidade na

cidade de Brasília, sua relação com o poder político e sua inserção afirmativa dentro de narrativas dominantes a serem questionadas pelas identidades outras da cidade.

Traçar e descrever as características históricas e estéticas da Catedral pode iluminar um vislumbre do pensamento intelectual influente da época e do movimento modernista: a fluidez e inovação das formas de Oscar Niemeyer, junto ao simbolismo que seu trabalho em concreto cria, são possíveis maneiras de se compreender como estavam refletidas concretamente as propostas de modernidade e progresso para a nova capital, bem como apreender a maneira como se buscava criar uma nova identidade nacional, observando a contradição presente na proeminência de um monumento religioso dentro de uma cidade moderna, dessacralizada. Apesar de sua forma litúrgica, é possível que a Catedral comunique também, em sua presença arquitetônica, os discursos políticos da nova ideia de país que estava surgindo.

A aula-passeio pode contribuir massivamente para criar condições de atribuir, ao contexto de ensino, a exploração e integração de percepções fenomenológicas à prática pedagógica: o resultado das experiências pelo percurso do espaço supõe o despertar de novas sensações nos estudantes, que estão saindo da sala de aula para experimentar um monumento em suas vivências educativas, observando as potencialidades que uma pedagogia baseada na interação com o meio possui no ensino de História. Ao articular as emoções vivenciadas e a maneira subjetiva de como perceberam o espaço, é viável que os alunos consigam apresentar reflexões interpretativas pertinentes sobre a relação entre monumentalidade e poder dentro da história de Brasília, fomentando, ao discutir questões de identidade nacional e de religião, a construção de uma visão crítica da posição do espaço visitado dentro das dinâmicas político-sociais da capital do Brasil.

REFERÊNCIAS

ALVES, Lara Moreira. **A construção de Brasília: uma contradição entre utopia e realidade.** Disponível em: <<https://econtents.bc.unicamp.br/eventos/index.php/eha/article/view/3586/3465>>. Acesso em 14 nov. 2024.

BARBOSA, L. M. **A pedagogia de Freinet e as aulas passeio: um relato das vivências escolares no município de Queimadas - PB.** 2022. 46 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia), Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2022. Disponível em: <<https://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/123456789/28025?mode=full>>. Acesso em 14 nov. 2024.

BARROS, F. C. O. M. de; VIEIRA, A. M. de S. A aula-passeio como experiência vivida: Freinet no ensino superior. **Revista Internacional de Formação de Professores**, Itapetininga, v. 4, n. 4, p. 79–91, 2019. Disponível em: <<https://periodicoscientificos.itp.ifsp.edu.br/index.php/rifp/article/view/122>>. Acesso em: 3 nov. 2024.

CEBALLOS, Viviane Gomes de. **"E a história se fez cidade...": a construção histórica e historiográfica de Brasília.** 2005. Dissertação (Mestrado), Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em: <<https://hdl.handle.net/20.500.12733/1599007>>. Acesso em: 6 dez. 2024.

CORRÊA, Roberto Lobato. Monumentos, política e espaço. **Geo Crítica, Scripta Nova, Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales**, Universidad de Barcelona, v. IX, n. 183, 15 fev. 2005. ISSN 1138-9788. Disponível em: <<https://www.ub.edu/geocrit/sn/sn-183.htm>>. Acesso em: 15 dez. 2024.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano.** Tradução: Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FERREIRA, J. V. G. **Espaços sagrados e suas construções: discussão e práticas.** A construção do Brasil: geografia, ação política e democracia. São Luís / MA, 2016. Disponível em: <http://www.eng2016.agb.org.br/resources/anais/7/1468286690_ARQUIVO_Espacosagradosesuasconstrucoes-discussaoepraticasJoaoVictorFerreira.pdf>. Acesso em 3 nov. 2024.

LE GOFF, Jacques. **História e memória.** Tradução: Bernardo Leitão et al. 3. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1994.

MACIEL, Odette Pessoa (2020). Guia de visitação da Catedral de Brasília. Publicação online: **Minha Paróquia.** Disponível em: <<https://catedral.org.br/guia-de-visitacao>>. Acesso em: 17 dez. 2024.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** São Paulo: Cortez, 2011.

OLIVEIRA, Carlos Edinei de. Arquitetura Histórica e o Ensino de História. **Fronteiras, [S. l.]**, v. 21, n. 38, p. 90–103, 2019. DOI: 10.30612/frh.v21i38.11487. Disponível em: <<https://ojs.ufgd.edu.br/FRONTEIRAS/article/view/11487>>. Acesso em: 12 dez. 2024.

OLIVEIRA, Daniela Duarte de Freitas. **Produção do espaço sagrado na arquitetura contemporânea**: a interpretação da tradição católica a partir do século XX. 2010. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo), Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1843/RAAO-8CUQ5P>>. Acesso em: 14 dez. 2024.

OLIVEIRA, Margareth Dias de. **A potencialidade de aulas-passeio de História**: os professores e suas práticas. 2022. 129 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Rede Nacional PROFHISTORIA), Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2022. Disponível em: <<https://www.bdt.d.uerj.br:8443/handle/1/20790>>. Acesso em 01 dez. 2024.

PALLASMAA, Juhani. **Os olhos da pele**: a arquitetura e os sentidos. Porto Alegre: Artmed Editora, 2009.

SCARPATO, Marta. A livre expressão na Pedagogia Freinet. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 12, n. esp. 1, p.620-628, 2017. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.21723/riaee.v12.n.esp.1.2017.9667>>. E-ISSN: 1982-5587. Acesso em 20 nov 2024.

SILVA, Ernesto. **História de Brasília**. Brasília: Editora de Brasília. Coedição do Instituto Nacional do Livro. 1971.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de conceitos históricos**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2005.

SOUSA, Isabella Gaspar. **Hermenêutica da Catedral Metropolitana de Brasília**: arquitetura, experiência e significado. 2022. 228 f., il. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo), Universidade de Brasília, Brasília, 2022. Disponível em: <<http://icts.unb.br/jspui/handle/10482/44509>>. Acesso em 20 out. 2024.

SOUZA, Isabella Gaspar; ALMEIDA, Jaime Gonçalves de. Caminhos para uma hermenêutica da arquitetura: análise da teoria de Lindsay Jones. **Cadernos de Arquitetura e Urbanismo**, Paranoá, v. 25, Dossiê Especial Teoria, História e Crítica, 2020. DOI: 10.18830/issn.1679-0944.n25.2020.11147. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/paranoa/article/view/29419/25489>>. Acesso em: 01 dez. 2024.

TEMPESTA, Cardeal Orani João (2023). O significado de uma catedral e o seu simbolismo. **CNBB**. Disponível em: <<https://www.cnbb.org.br/o-significado-de-uma-catedral-e-o-seu-simbolismo/>>. Acesso em: 14 dez. 2024.

CORRÊA PINTO, Amanda; SANJAD, Thais; MACEDO, Filomena; VILARIGUES, Márcia. Os vitrais na arquitetura brasileira: história e conservação. In: **Anais do 3º CIHCLB**: Salvador, 3 a 6 de setembro de 2019. Salvador, BA: Núcleo de Tecnologia da Preservação e da Restauração, 2019. p. 1511-1523. ISBN 978-85-8292-220-0. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/338717516_Os_vitrais_na_arquitetura_brasileira_Historia_e_Conservacao>. Acesso em: 2 fev. 2025.

VARGAS, Lorena da Silva. Arte e imaginário: representações da natureza nos vitrais da Catedral de Barcelona (séculos XIV e XV). **Temporalidades – Revista de História**, v. 9, n. 3, p. 283-301, set./dez. 2017. ISSN 1984-6150. Disponível em: <<https://periodicos.ufmg.br/index.php/temporalidades/article/view/5877>>. Acesso em: 2 fev. 2025.